

LUIZ ALBERTO MENDES

MEMÓRIAS DE UM  
SOBREVIVENTE



Copyright © 2001 by Luiz Alberto Mendes Júnior

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Márcia Copola

*Revisão*

Adriana Moretto

Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mendes, Luiz Alberto

Memórias de um sobrevivente / Luiz Alberto Mendes. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1575-4

1. Mendes, Luiz Alberto 2. Presidiários — Brasil — Autobiografia 1. Título.

---

09-10844

CDD-365.6920981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Presidiários : Autobiografia 365.6920981

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Durante o ano de 1999, tive uma pequena convivência com alguns detentos e funcionários do Complexo Penitenciário do Carandiru, em São Paulo, quando, convidado por Sophia Bisilat, desenvolvemos oficinas literárias na Casa de Detenção.

Se é sabido que a palavra empenhada é muito forte num presídio, é bom saber que a palavra escrita também o é. Cartas, diários, poemas... embora “aqui fora” raramente nos interessemos por essas manifestações, elas representam, se não o único, o principal meio de reflexão e expressão do mundo afetivo e espiritual de milhares de brasileiros postos para mofar nas nossas cadeias.

Nesse período, tive o prazer de ficar amigo de Luiz Alberto Mendes, o Professor, como era conhecido entre nós. De fato, ele tinha muito o que nos ensinar: pouco tempo depois de ele começar a frequentar as reuniões semanais da “turma da literatura”, eu também era um de seus alunos. Luiz me guiou generosamente por entre os meandros da malandragem, ajudando-me a entender um mundo cultural de ética particularíssima.

Fruto de uma de suas inúmeras propostas, organizei, com o auxílio de Drauzio Varella, Arnaldo Antunes e do funcionário Waldemar Gonçalves, um concurso de contos e poesias entre os moradores da Casa. Com o patrocínio da Universidade Paulista (Unip), os prêmios foram entregues no final de 1999. Na categoria Conto, a escolha foi unânime: “Cela-forte”, de Luiz Alberto Mendes.

Dias depois, Luiz me trouxe um calhamaço coberto por uma letra limpa e uniforme. Era o original deste livro. Comecei a lê-lo como um documento da vida prisional, na perspectiva de quem poderia dar alguns palpites para uma eventual revisão.

No entanto, poucas páginas lidas já me davam a medida do que tinha nas mãos. Muito longe de ser “caso de revisão”, era, e é, exemplo de obra acabada. Um relato ao mesmo tempo seco e extremamente poético da trajetória de um jovem na selva urbana brasileira em formação dos anos 1960 e início dos 70, o curto período de liberdade na vida de Luiz.

O Brasil é uma terra de doutores. E não falo apenas de “doutores de leis”. Se o *modus operandi* de nossa sociedade quase sempre frustra as aspirações de ascensão social, no quadro da literatura a possibilidade de tal ascensão é ainda mais remota.

Como ousa um presidiário autodidata dominar um código que os “homens de bens” têm como sua propriedade?

Luiz foi e é teimoso. Seu desejo de se expressar supera veleidades linguísticas, para forjar um estilo único, denso e amoral. Em nenhum momento o leitor vai encontrar um autor que teve pruridos consigo mesmo ou com a realidade. Luiz não quer se salvar dentro de seu livro e de suas histórias. Como todo artista de compromisso vital, Luiz se salva ao se expressar. Tira de si um peso que não juntou sozinho, para devolver, aos que se sentem tranquilos em suas coberturas dúplex, algo novo: indignação e sensibilidade radicais. Um usufruto da língua que muitos escritores passam a vida procurando sem conseguir encontrar.

Luiz, o sobrevivente deste verdadeiro romance de formação, nos oferece uma chance. A chance de nos conhecermos melhor. A chance de transformar o que é inaceitável mas que costuma arrancar de nós pouco menos que esgares caridosos.

Agradeço ao Luiz a deferência de me convidar para apresentar sua obra.

Seja bem-vindo, leitor, ao surrealismo da tragédia brasileira.

Fernando Bonassi  
2001

# 1

Dona Eida, minha mãe, dizia que até os seis anos eu era um santo. Meu pai, seu Luiz, dizia que eu era débil mental. Disso lembro bem. Diziam que me colocavam sentado em qualquer cadeira e ali eu permanecia durante todo o tempo. Quietinho. Sem sair nem reclamar.

Depois, fui para a escola. Dizem que de santo virei diabo. Lembro da primeira professora, de régua em punho, exigindo disciplina. E não obtinha, pelo menos não de mim. Enfiava a régua sem dó, ao menor descuido. Odiei escola, odiei professores.

Sei que era menino inquieto, desesperado. Vivia buscando ser aceito pelos meninos mais velhos que eu. Muito cheio de medo e assustado, fazia tudo para não demonstrar, como qualquer outro menino, só que com diferentes resultados. Eu era danado, segundo todos diziam.

Meu pai, desde que me lembro, já bebia. Passava dias fora de casa, sem dar notícias. Quando voltava, dizia que fora preso em brigas pelos bares onde enchia a cara. Chegava xingando, brigando e falando alto. Fedia a cachaça e perfume barato.

Minha mãe era coitadinha. Amava aquele homem bruto, sabia que era tudo mentira, mas tinha o maior medo de enfrentá-lo. Era agressivo, violento, não batia nela, mas ameaçava de montão, e dona Eida morria de medo.

Quando ele chegava bêbado em casa (e era quase todo dia), eu me escondia na casinha da cachorra, Dinda. A cadela era meu maior amigo. Ficava me lambendo, feliz de estar comigo, qual eu fosse mais um de seus inúmeros cachorrinhos.

O homem chegava ensandecido, procurando motivo para

brigar e bater. Acredito que para justificar seu estado deplorável e não permitir questionamentos. Claro que, de minha parte, sempre encontrava. Jamais, após os seis anos, fui propriamente um santo, até muito pelo contrário. Me apavorava, vivia sobressaltado, com medo dele. Ele dizia que eu tinha medo mas não tinha vergonha. Medo eu sabia de quem, mas vergonha de quê, de ser menino?

Por qualquer motivo, mandava que eu fosse buscar o cinturão de couro no armário e dizia, sadicamente, que iríamos ter uma conversa. Era uma tortura, era mesmo! Pegava pelo braço e batia, batia, batia... até ficar sem fôlego. Eu sentia que era com raiva, prazer até. Qual quisesse apagar todos os males de sua vida miserável. Eu gritava até não ter mais voz, pulava, esperneava e tentava me defender dando a parte menos dolorida do corpo às cintadas. Se é que havia alguma parte menos dolorida. Então me largava num canto, escondido do mundo; inteiramente só, chorando... Todo cortado por vergões roxos, querendo morrer para que ele sentisse culpa de minha morte.

Minha mãe ficava na cozinha chorando, sem nada fazer. Para ela aquilo fazia parte da educação de uma criança, era normal. Quando menina, seu pai, um estúpido brutamontes, era superviolento. Se estivesse batendo em um dos filhos e houvesse mais alguém por perto, ele saía batendo em todos os que estivessem ao seu alcance. Era um tal de gente correndo para as portas e pulando pelas janelas... Embora ela fizesse questão de destacar: “Foi um homem trabalhador, jamais deixou faltar nada em casa”. Grande mérito, para ela. Quando morreu, todos os filhos, sem exceção, deram graças a Deus.

Para seu Luiz, espancar era o melhor, se não o único, método de educar filhos. Pelo menos para mim isso era superevidente, não havia a menor dúvida. Sua mãe, viúva de um ex-boxeador alcoólatra, criara sozinha cinco filhos e só conseguira controlá-los a tamancadas. Meu pai dizia arrepender-se das tamancadas de que se esquivara. “Que cara de pau!”, pensava eu.

Para mim, aquilo era o fim do mundo. Odiava-o com todas as forças do meu pequeno coração. Vivi a infância toda fermen-

tando ódio virulento àquele meu algoz e envenenando minha pobre existência. Quis crescer, ser grande e forte para arrebatá-lo a socos e pontapés.

Desde muito cedo vivi desesperado por liberdade, louco para viver solto como os outros meninos. Meu pai pouco me deixava sair de casa. Primeiro por conta de seu preconceito contra pais que deixavam crianças soltas na rua, depois por conta de me castigar devido ao meu péssimo comportamento na escola.

Quando saía escondido, era para caçar confusão, brigar com os outros meninos e apanhar de meu pai na volta. Havia Carlito (que hoje é policial militar), garoto mais velho que eu, filho de mãe solteira e já visto como futuro marginal. Vivia fazendo de mim uma espécie de capanga. Me colocava em choque com outros garotos só para ver briga, ação. Eu adorava esse sujeito. Andava atrás dele feito um cachorrinho a obedecer às suas ordens. Induzia-me a roubar frutas na feira, dinheiro em casa, garrafas de bebida dos caminhões etc. Se me recusasse, seria desprezado e afastado do bando. E eu fazia de tudo para andar com ele. Ser amigo de Carlito era ser alguém nas ruas do bairro.

Não suportava a reduzida prisão que se tornara minha casa. O quintal era pouco maior que a cela de uma cadeia. Tudo ali era velho demais para mim, já tinha visto aquilo tudo milhões de vezes. O assoalho que eu encerava desde pequenino, o telhado cheio de goteiras, os ratos do porão, tudo ali me cansava.

Esquecia das horas jogando bola no campo, empinando pipa ou caçando passarinho no mato. De repente, Dinda estava me puxando pelo calção (ela sempre me acompanhava aonde eu fosse): era certeza que seu Luiz tinha chegado em casa e exigia minha presença, assobiando. Era um assobio fino que cortava. Quando Dinda invadia o campo latindo, meu coração vinha na boca — era ele! Saía correndo para casa, já arrepiado de medo, era surra na certa. Não podia sair de casa sem autorização dele. Chegava no portão, meus passos diminuíam sem querer, precisava de um caminhão de coragem para entrar. A vontade

era fugir, sumir. E lá estava, sem nunca falhar, meu carrasco: “Vamos conversar, vá buscar a cinta!”.

Já tremendo, acovardado, quebrado em minha vontade, trazia a cinta o mais lentamente possível. Suas cintas estavam todas arrebatadas de tanto ele me bater com elas. Começava a bater e eu a gritar, se ele descuidasse das portas e as deixasse abertas, Dinda entrava e avançava em cima dele, para me defender. Ele a chutava e tornava a me bater. Depois, já cansado, ia bater nela no quintal. Aquilo me doía mais que a surra. Corria para a casinha da cadelu, e ela, esquecida já do que apanhara, ficava me lambendo os vergões, qual pudesse suavizá-los. Dinda, sem dúvida, foi o melhor amigo de minha infância.

Ninguém me defendia, com exceção de minha avó, mãe de minha mãe. Quando ia nos visitar, meu pai evitava me bater. Uma vez tentou, e ela se colocou na frente, chamou-o de animal e o enfrentou. Daí para a frente criou-se um antagonismo entre os dois. Eram inimigos declarados. Ele a chamava de velha bruxa, e ela, por sua vez, o chamava de animal e vagabundo.

Ele não podia com minha avó. Além de alcoólatra e arruaceiro, não conseguia trabalhar por muito tempo em emprego nenhum. Empregava-se por um, dois meses, e já brigava com o patrão (era confeiteiro, e dos bons, possuía a arte para os confeitos), ou era surpreendido bêbado em serviço e então despedido sumariamente. Ficava dois, três meses desempregado. Essa era a sua rotina. Atrasava o pagamento do aluguel da casa. Vivíamos apavorados com a possibilidade de despejo. Minha mãe acabava com sua já precária visão na máquina de costura, até altas horas da noite. A vó nos sustentou sempre que pôde. Ajudava a pagar o aluguel e colocava comida em nossa mesa, então ele não podia ter voz ativa com ela, era obrigado a suportá-la.

A vó era quem me vestia e dava brinquedos. Me amava profundamente, tudo fazia por mim. Lembro-a e sinto até um aperto no coração. Não sabia retribuir. Ela sempre foi a principal fonte de minhas parcas alegrias infantis, pelos brinquedos e dinheiro que me dava e pela festa que era sempre sua vinda em casa. Acho que eu não sabia amar, ou amava de forma diferente.

Apesar de tudo, eu amava aquele meu rude pai, apesar de odiá-lo também. Vivia atrás dele, quando sabia que estava sóbrio (o que era raro). Ele era, até certo ponto, um herói para mim. Não posso negar que vivi momentos felizes com meu pai. Ele criava passarinhos de canto. Eu odiava aqueles passarinhos, pois era minha obrigação cuidar deles. Como qualquer garoto, queria era brincar, e tinha de limpar gaiolas malcheirosas e alimentar uns bichinhos que nem podia tocar.

Meu pai sempre me levava quando saía para caçar passarinho ou pescar. Eu adorava pescar! Saímos em um grupo com seus amigos do bar da esquina, todos alcoólatras. Levávamos uma bengala de pão por cabeça, mortadela e várias garrafas de pinga. Sempre mais pinga que comida. Eles enchiam a cara no mato ou à beira das águas. Era um perigo aquele bando de homens bêbados a fazer palhaçadas, e eu, menino, me divertia demais, sem perceber o risco.

Era viciado em pipas. Aprendi a fazer as mais bonitas da turma da rua. No ar, elas faziam o desenho que eu quisesse, eu as controlava. Fabricava o melhor cortante da localidade. Cola de madeira diluída em água fervente e pó de vidro moído a marretadas. Passava na linha número 10 (que a vó dava dinheiro para que eu comprasse) e lá ia eu, lançar outras pipas no ar. Geralmente, cortava a linha de todos os outros, quando não cortavam a minha logo de cara e eu me enchia de raiva. Fazia tudo escondido, pois meu pai me proibia que empinasse pipas. Dizia que, se não queria saber de estudar, então também não ia brincar.

## 2

Não sei ao certo por quê, mas a relação de meu pai comigo era sempre ofensiva. Sentia que havia nele algum prazer em me chamar de nomes cujo significado eu ainda não sabia, mas que, pelo tom, sentia que eram para me magoar. Ficaram gravados na mente como bombas-relógios para doerem quando atingisse

a compreensão: prostituto, mentecapto, bucéfalo, debiloide — pérolas que aprendia em palavras cruzadas. Havia um prazer mórbido em me irritar, em me enervar; esticar ao máximo meus nervos era uma de suas brincadeiras favoritas. Eu só podia ficar vermelho e chorar de raiva, frustrado. Ai de mim se retrucasse!..., vivia ameaçando caso um dia eu reagisse à sua estupidez.

Minha mãe dizia que ele agia assim devido ao ciúme do amor que ela me devotava. Eu e dona Eida éramos muito apegados. Sentíamos que, na verdade, só tínhamos um ao outro no mundo. Ele não participava desse círculo fechado, jamais fez por merecer. Minha mãe escondia muitas de minhas traquinagens. Sabia que, se ele soubesse, eu seria massacrado. Aquela mulher era muito delicada, extremamente feminina, eu a amava a ponto de chorar às vezes, só de pensar nela. Fisicamente era muito pequena: tivera meningite aos doze anos e não cresceria mais.

Uma das lembranças mais doloridas era a solidão em que eu vivia em casa e na creche. Tive muito poucos amigos. Dentro da pasta escolar, carregava um pedaço de cabo de enxada para me proteger dos meninos maiores. Imitava seu Luiz. Fora ele quem serrara aquele cabo, tirando um pedaço para si.

Muitas vezes minha mãe se atrasava, era longe de casa a creche, eu me desesperava. Ficava ali no portão chorando, sentindo-me miseravelmente abandonado.

Havia a tia Ercy, irmã de minha mãe, que era minha madrinha de batismo. Ela nos ajudava muito. Minha mãe fazia faxina em sua casa uma vez por semana. Conforme fui crescendo, foi me passando os trabalhos mais pesados. Encerar, passar a palha de aço no chão, dar lustro etc. era comigo mesmo. A tia era muito boa para nós. Sempre me dava algum dinheiro pelo meu trabalho, além de pagar minha mãe. As melhores roupas e brinquedos que tive ou eram presentes dela ou de minha vó. Chegava ao carinho de fazer a comida que eu mais gostava no dia em que sabia que eu estaria em sua casa. Inúmeras vezes ajudou a pagar nosso aluguel atrasado.

Esse era o maior medo de minha mãe: o despejo. Não ter

onde morar. Vivia apavorada com tal possibilidade, que, diga-se de passagem, era bem concreta. Uma ameaça constante, mensal. Sem querer, ela me passava esse desespero. A tensão em casa era enorme quando se atrasava o aluguel por mais de um mês. Meu pai, para não ter que discutir a responsabilidade dele quanto a nosso sustento e moradia, vivia apavorando minha mãe e a mim, por consequência.

Ele chegava, minha mãe esquentava a comida. Mal começava a comer e já desmaiava de cara no prato, de tão bêbado que estava. Eu, pequeno, dona Eida, pequena também, tínhamos que arrastá-lo da cozinha até o quarto. Depois, com toda a dificuldade do mundo, colocá-lo na cama, despi-lo e cobri-lo. Era muito pesado e ficava dando tapas no ar, semiconsciente. Quando um deles pegava em um de nós, voávamos longe.

Lembro que muitos anos foram assim. Houve intervalos, o homem parava de beber por uns tempos e a vida ficava boa. Nesses breves períodos, acabava a miséria, ele trabalhava e até era um bom pai. Lembro das poucas vezes que ele conversou comigo. Tão poucas que não consigo lembrar um só tema de conversa, a não ser repressões. Nessa parte ele era pródigo, e eu mais ainda em dar motivos.

Com sete, oito anos eu já me julgava sabedor de tudo sobre sexo. Andava só com meninos mais velhos que eu. Meu conhecimento, como era de esperar, era totalmente deturpado. Sexo era algo sujo e condenável (daí por que mais interessante ainda), devia se comentar baixo e escondido. A imagem era de um fruto gostoso, mas proibido.

Não me recordo como aprendi, mas com oito, nove anos já vivia atrás dos garotos menores para comer. Nem tinha nada que pudesse comer alguém. Subornava a garotada oferecendo gibis que roubava de meu pai (ele possuía uma enorme coleção de gibis de bangue-bangue; era sua literatura) e doces comprados com dinheiro ganho da tia e com tudo quanto era moeda ou nota que furtava nas gavetas das casas aonde ia.

Ficava roçando o quase nada que possuía nas bundinhas rosadas dos meninos. Havia uns três deles que até me procura-

vam para se venderem. Tinha um, em especial, que hoje é casado, pai de família, que eu nem precisava pagar. Cresceu comigo, usei-o por muitos anos. Dominava-o, sei lá como. Seguia minhas ordens como eu fosse seu dono, e eu gostava muito daquilo. Cometia aquilo com o maior sentimento de culpa, sabia que estava fazendo algo errado, mas aquilo era mais forte que o medo de ser pego e apanhar. Meu pai ameaçava bater “como se bate em um homem”.

Na época, Vila Maria, meu bairro, na periferia da cidade de São Paulo, era um barro só. Éramos, então, uma turma de garotos e tínhamos nosso esconderijo no campinho, um terreno baldio enorme. Limpamos o mato, colocamos traves de madeira e ali nos ralávamos em peladas. Fizemos uma espécie de vestiário, de madeira e teto de zinco, que era esconderijo secreto e cozinha. Tudo o que pegávamos ou roubávamos (galinha, pato, ganso, coelho, gato e uma vez até cachorro) íamos fritar lá, numa fogueirinha.

Era nossa sede. Ficávamos nos masturbando em grupo, bebendo, fumando, escondidos ali. Foi para comer a garotada ali, comprar cigarro, doce, linha, folha de seda, pião, bolinha, figurinha, essas necessidades de todo garoto naquela época, que comecei a roubar. E roubava da carteira de minha mãe e quase todo dia do bolso de meu pai. Ele desmaiava, bêbado. Ajudava a despi-lo, mas cobrava minha parte. Mexia no dinheiro dele, tirava notas pequenas, sabendo que ele acordaria de ressaca, sem saber quanto possuía.

Choviam ameaças. Dizia que do filho dele, se fosse ladrão, ele cortaria as mãos. Julgava-se o suprassumo da esperteza, e eu, um menino bobo e medroso de quem ele possuía absoluto controle. Dizia que eu jamais o enganaria. Acho que era mais por isso que o roubava, e quase todo dia. Adorava o desafio, era gostoso rir por dentro enquanto ele arrogava sua esperteza. Roubei-o por décadas, e ele jamais desconfiou de minha ousadia. Só que essa impunidade me fez ficar cada vez mais ousado e audacioso.